

Da história.

Quando tentamos penetrar o mundo dos pensadores relativamente tao recentes como os de Kant, Hegel e Schopenhauer, encontramos os filósofos e os poetas do século 18, (para calar de pensadores mais distantes no tempo), raras vezes nos damos conta da fantástica diferença de dimensões entre aquele mundo e o nosso. O mundo de um Kant, um Hegel, um Goethe é tao reduzido em espaço e em tempo, se comparado com o nosso, que essa diferença quantitativa invade todos os seus aspectos, torna-se qualitativa, e isto de maneira tao inconsciente, que necessitamos de um violento esforço mental para torná-la patente. Tudo que esses pensadores nos dizem tem por sistema de referência esse mundo em miniatura, e pode ser compreendido realmente, isto é historicamente, somente em funcao desse mundo em miniatura. Isto é verdade até com problemas que aparentemente nada tem a ver com as dimensões do mundo. A monadologia de Leibnitz, a epistemologia de Hegel, a teoria das paixões de Schopenhauer não se referem menos a esse mundo reduzido que a filosofia da história de Hegel ou de Fichte. Se aplicamos essas idéias ao mundo expandido dos nossos dias, se as projetamos sobre o nosso sistema de referencias, elas sofrem uma destorção grotesca como a Greenlandia nos mapas de projeção Mercator. Uma conversaçao nosa com os pensadores do passado é portanto, a priori, viciada por uma fonte de malentendidos básicos, pela diferença dos sistemas de referencia subentendidos. Em consequencia, existem duas formas possíveis de conversaçao com os antigos: ou é a nossa voluntária submissao ao sistema de referencia do passado, a outra é a tentativa de tradução das vozes do passado para a linguagem de hoje. Ambas são difficilimas, porque exigem de nós o quase impossível: a saber o conhecimento do ambiente do nosso sistema de referencia e a força de vontade e de imaginação de abandonar-lo. A primeira forma de conversaçao, isto é a nossa volta ao passado, resultará em conhecimentos meramente documentários, terá interesse meramente arquivista. A segunda forma de conversaçao, isto é o transporte dos nossos maiores para cá, para o hic et nunc, resultará em conhecimentos e significativamente valiosos. Essa forma de conversaçao, esse transporte, essa tradução, é, no opiniao de Dilthey, o verdadeiro e único papel da filosofia. Isto porque o hic et nunc, portanto o conjunto do atual e atuante, em outras palavras o conjunto da realidade (atuante = Wirklichkeit), não nasce, não surge, não é o resultado de fenomenos históricos assim transportados, traduzidos. Trata-se, como estas vando, um conceito muito sutil e refinado tanto da história como da realidade, e confesso que não consigo penetrar-lo em toda a sua riqueza e profundidade. Tenho a impressão que Dilthey abriu uma nova perspectiva sobre os problemas da filosofia geral, e que portanto Dilthey ainda pertence ao futuro. Ele representa, ao que se vê, um desafio à nova geração, desafio esse que agora lhes lanço. Serei muito econômico, hoje, na minha tentativa de expor os resultados das especulações diltheyanas, porque as considero de importância secundaria, se comparado com a mentalidade da qual elles brotam. Vocês se lembrarão que, quando falei em Husserl, disse a mesma coisa. Esses dois pensadores do século passado são, conforme creio, precursos ainda incompreendidos e que se acham na situação de um Kierkegaard há 50 anos. Tratando portanto de dedicar a maior parte desta noite à tentativa de iluminar os problemas que deram origem a essa mentalidade nova. Tentem imaginar o que seria o mundo de cada um dos nossos grandes filósofos do século 18. Poderem sómente de uma dessas dimensões, a saber do tempo. Tentem imaginar o que seria o mundo de cada um dos nossos grandes filósofos do século 19. Tentem imaginar o que seria o mundo de cada um dos nossos grandes filósofos do século 20. Tentem imaginar o que seria o mundo de cada um dos nossos grandes filósofos do século 21. Tentem imaginar o que seria o mundo de cada um dos nossos grandes filósofos do século 22. Tentem imaginar o que seria o mundo de cada um dos nossos grandes filósofos do século 23. Tentem imaginar o que seria o mundo de cada um dos nossos grandes filósofos do século 24. Tentem imaginar o que seria o mundo de cada um dos nossos grandes filósofos do século 25. Tentem imaginar o que seria o mundo de cada um dos nossos grandes filósofos do século 26. Tentem imaginar o que seria o mundo de cada um dos nossos grandes filósofos do século 27. Tentem imaginar o que seria o mundo de cada um dos nossos grandes filósofos do século 28. Tentem imaginar o que seria o mundo de cada um dos nossos grandes filósofos do século 29. Tentem imaginar o que seria o mundo de cada um dos nossos grandes filósofos do século 30.

tro do edifício cósmico e ele face aos demais habitantes. A sua materialidade é a tentativa de olhar pela janela afora e entrar em contato com aquelas forças benéficas e diabólicas que rondam o terreno. A sua teologia é o esforço de trazer conhecimento com o pai da família e construtor da mansão, de amá-lo, e, desta maneira, adquirir uma relação autêntica com os demais habitantes da casa, filhos do mesmo pai, e, portanto, vizinhos de quarto. É a partir desse mundo "cosy" e em mistura que nos falam Kant e Hegel. Tentam agora imaginar a nossa dimensão do tempo. Já que a nossa unidade de medida é por força a mesma de sempre, isto é a vida humana, não faz a mínima diferença se a duração do mundo for fixada pela nossa ciência em um milhão ou um trilhão de gerações, será igualmente desumana. Ela ultrapassa de longe não apenas a nossa capacidade de compreensão, como nossa capacidade de vivência é de simpatia. Dada a limitação de vivência e de simpatia não temos em comum com os nossos antepassados tão recentes como o são os seres há cem mil gerações atrás, para cobrir os nossos antepassados mais longínquos com o manto do silêncio infinito. O mundo, em sua atividade desumana, não nos é adequado. Muito pelo contrário, ele tem dimensões absurdas e a nossa situação nele é absurda. Já que fomos jogados para dentro dele, não podemos ser indiferentes em face dele, ele nos obriga e nos é inimigo. Um construtor de um mundo assim, (se é que existe), não pode ser um pai num sentido familiar, não se parece conosco, é totalmente diferente. Esse mundo, dentro do qual vivemos há cento e cinquenta anos e que nos revela novas faces sempre mais absurdas e portanto horríveis, não nos força a nos recolhermos sobre nós mesmos, a procurarmos refúgio num cantinho para não sermos esmagados, em breve, nos força ao existencialismo. Tudo o que nos dizem os pensadores do século 18 sobre a ordem no mundo, sobre o progresso da humanidade dentro dele, sobre a fraternidade dos homens, sobre o sentido da vida humana, não passa de chavão, de "catchword" ridículo e inadequado à situação na qual nos encontramos. A própria figura do Cristo, que, para os pensadores passados, representava uma cesura na corrente das gerações, dividindo a história da humanidade, e portanto do mundo, ao meio, marcando o centro dos acontecimentos entre o começo e o fim do mundo, ao passar, para nós, de um patético acontecimento recentíssimo, o qual, pela sua mera posição dentro da corrente do tempo, perde a sua significação central salvadora e deixa de ser a alegria dos homens. Dilthey foi o primeiro a ver claramente essa relatividade histórica de todas as verdades, de compreender a sua horrorosidade, e de se insurgir contra ela. Ele creu que há um método de atualizar Kant e Hegel, o Cristo e, creio eu, a Bíblia, tornar todo o passado atual e atuante, e desta forma dar um sentido à vida humana: O que equivale dizer atualizar e tornar atuante Dilthey machen und verwirklichen) o divino. Esse método é a tradução para o Wirklich, ser e munc, é a reinterpretação sistemática do passado em termos do presente. Essa reinterpretação é aquilo que Dilthey chama de "Geisteswissenschaft", a ciência do espírito, a única que investiga a realidade. Sob a luz dessa investigação Kant, por exemplo, readquire um significado. Tudo tal como foi escrito, aceito ad litteram, não passa de um amontoado de frases de interesse anti-quário, sem significado. Reinterpretado e atualizado, ele se torna atuante e participa da nossa conversação de forma significativa. É difícil precisar em que reside esse método e isto é, conforme creio, um grave defeito. Mas penso com os meus botões que ele deve ser aplicado em conjunto com o método fenomenológico para trazer resultados. Confesso que durante as quartas feiras do ano passado me esforcei por aplicá-lo e era por isto que preferi tratar de conceitos ao invés de pensadores. Quando, por exemplo, falei em hybris tentei atualizá-la para torná-la atuante. Poderão vocês julgar a eficiência do método, embora limitada pelos meus recursos restritos, pelos resultados por mim alcançados.

Tentarei agora de lhes dar alguns dos resultados que Dilthey diz ter conseguido pelo método acima esboçado. Diz ele que existem tres tipos de revelação autêntica da natureza humana na história do Ocidente, sou, por assim dizer, as tres constantes da história do Ocidente. A saber: materialismo = positivismo, idealismo objetivo, e idealismo da liberdade. Nenhum, destes tres tipos, sozinho, representa a totalidade do espírito, mas cada um revela um lado autêntico do espírito humano. Tomadas em conjunto, isto é sob investigação histórica, revelam a totalidade do espírito, portanto é o estudo da história a única verdadeira psicologia. Conseguimos integrar, dentro do nosso espírito, esses tres tipos, graças ao estudo "compreensivo" (verstehend) da história, e, integrando-os, os superamos. Somente assim integrados alcançam seu verdadeiro significado, hic et nunc, tornam-se atuantes, (wirklich), e dão um sentido a nos-

de vida. O conhecimento de toda a história sobressai em uma meta, um único sentido, a saber integrar-se dentro do nosso espírito hic et nunc, para atualizar-se. Sómente dentro do nosso espírito, assim integrada, a história tem significado. Em si, objetivamente, tomada como extra-espiritual, a história não tem significado. Falando sensu stricto, fora do meu espírito a história, portanto o mundo, não é real, (wirklich), já que não atua. Por outro lado o meu espírito não passa de uma história integrada e portanto superada. Fora da história o meu espírito não tem realidade. A imagem que, creio, Dilthey tinha em mente é aproximadamente a seguinte: A história é uma infinidade de fios, dentro da qual se distinguem os tres fios mestres que acabo de mencionar, que convergem todos para o meu espírito para realisar-se. O meu espírito não é algo objetivo, e sim o ponto que surge quando esses fios se encontram. Quando este ponto é alcançado, portanto o hic et nunc, surge a Eu e a realidade. Eu sou portanto resultado da história e também a sua completação, a sua meta alcançada. O estudo da história é portanto, visto como investigação dos fios, o conjunto e a superação das ciencias naturais e superada. Naturalmente a história em statu nascendi, escrito é história superada e atualizada, e o estudo da história é o conjunto do estudo da natureza e do espírito em sua forma atuante, é a verdadeira filosofia. Se é que entendi bem o pensamento de Dilthey, e se o desabei um pouco fielmente, surge como que automaticamente a sua epistemologia. Trata-se de uma epistemologia empírica, não se pode dizer pragmática, que está em conflito violento com a empiria das ciencias naturais, e a combatê-la. As ciencias naturais com seu método indutivo não revelam senão as sombras da realidade, os resíduos da história, revelam, em outras palavras, justamente aquilo que não é historicco, os fenômenos repetitivos. Revelam, como diria Bergson, a irrealidade da geometria. O método empirico diltheyano, o método das chamadas "ciencias do espirito", revelam um conhecimento autêntico da realidade, porque revela a vivência da história, intuitivamente, como diria Bergson. Esse método, não é, entretanto, o único legitimo epistemologicamente. Não, ainda, o método da arte intuitiva e da intuição religiosa, que, além também, revelam a realidade como história atualizada e atuante. Automaticamente surge também a sua ontologia. Trata-se de uma estetica curiosa de idealismo, dentro do qual a história tem o papel da vontade schopenhaueriana. Conceito diltheyano que fica ao primeiro vista, já que o conceito Dilthey identicamente repetidas vezes história com vida. Surge ainda automaticamente a sua ética e seu conceito de liberdade. Os valores sac relativos a situação atual e atuante da cultura e da civilização de onde me encontro, não existe uma escala de valores objetivo. A liberdade consiste na minha possibilidade de sintetisar a história cujo resultado sou e dar-lhe o seu curso. Como vocês estão vendo ou inferindo que as conclusões de Dilthey chega sejam realmente originais ou importantes. Há um abismo entre os gerais filosofos de vida, portanto estão de propósito minimizando o seu sistema. Repito que sua importância está em sua mentalidade e no método por ele proposto.

Vejo agora que foi um erro ter tratado de Bergson antes de Dilthey. Creio que somente agora poder vocês avaliar o conceito bergsoniano de duração, de razão e de intuição, resultados que sac de Dilthey. Creio, entretanto, que Bergson não comprehendeu Dilthey e que não soube aproveitar o método diltheyano. Não pouco souberam Spengler e Тойтее avaliar a força inerente nesse novo conceito da história e da historicidade. Existe entretanto um pensador, o Gero de Dilthey, Misch que, para mim, revelou a enorme riqueza do mundo diltheyano em seu livro: As origens da filosofia. Não se trata, como talvez possa lhes parecer, de uma simples tentativa de superar os sistemas filosoficos do passado, sintetizando-os eclecticamente. Trata-se de revelar e superar os sistemas do passado dentro de uma Weltanschauung atualizada e atuante. A palavra "Weltanschauung" é uma invenção do romanticismo, mas foi Dilthey que, pela primeira vez, lhe deu significado existencial. O que Dilthey nos oferece, não é tanto um sistema filosofico, mas uma Weltanschauung. É uma Weltanschauung tipicamente ocidental, e tipicamente do começo do nosso século, uma Weltanschauung situada dentro da historicidade. O materialismo, o idealismo objetivo e o idealismo da liberdade não se acham integrados, mas se tornam por assim dizer transparentes, porque revelam a sua validade histórica, isto é pragmática. São filosofias pragmaticamente válidas, cada uma por si, e cada uma por sua vez, falando historicamente, cada uma delas se acha atualmente superada, mas de tal forma, que, todas elas tomadas em conjunto, representam a verdade pragmática da atualidade. Os representantes típicos do materialismo são, para Dilthey, Demócrito e Comte, do idealismo objetivo Heráclito

Da historia.

to, Leibniz e Hegel, do idealismo da liberdade Platão, os cristãos e Kant. Cada um deles representam uma Weltanschauung ultrapassada. Tomados em conjunto, reinterpretados dentro de meu espirito hic et nunc, representam a minha Weltanschauung. Automaticamente, essa minha Weltanschauung, por fixar a minha situação historica, é valida, é verdadeira.

Se compararmos esse conceito da historia como uma convergencia de todas as tendencias sobre um ponto, a saber sobre o hic et nunc, com o conceito objectivista digamos classico, de um Hegel e Marx, verificamos que a historia em Dilthey se torna vivencia, torna-se idertica com a minha existencia pura e simplesmente. Hi ou sou um produto da historia, e estou jogado dentro dela, ela me circunda. Hi toriam Feuerbach? Circumspice. Em Hegel e Marx a historia consiste de uma série de "acrescimentos historicos" perdidos, dos quais se conservou somente a última ma síntese dentro da qual se encontro. (Para não falar da simplificação dos processos historicos que estes dois pensadores estimulam). Em Dilthey toda a historia esta presente em mim, em toda a sua verdadeira riqueza. Isso dizer que em mim, e sómente em mim, os antigos gregos, e os Cro-Magnon, e a época primordial e o primeiro átomo de hidrogenio, se tornam atuais e atuantes. Dizeve essa dramaticidade da historia como vivencia dearia Hegel e Marx encaixilarem. Falando marxisticamente, eu sou a última síntese da historia, eu sou resultado de todas as inumeras fases, antiteses e meios-teses, se me permitir essa palavra. Enfim eu sou aquilo que Marx chamaria de sociedade perfeita. Como vocês vem, chego a um individualismo extremo, absolutamente occulto ao marxismo.

E o futuro? Al está em pergunta que, falando, pragmaticamente, representa um tipico bezalho. Ou, falando analiticamente, o futuro não é o eu é, tal qual a morte, um Unending, não é coisa. Não pode ser "unbedingt" necessário, e portanto não existe. Recorrem, em estado deploravel, e mais. Posso dizer empiricamente, pela angaria das ciencias naturais, que a natureza converteu em corrente da historia, mas esse minha afirmação terá validade aparente. Impto-se de uma empiria pura, só se não há método para se verificar o que acontecerá depois do eu. Como se vê, Dilthey é pragmaticamente mais radical que Freud ou Frey.

A mentalidade libertaria é uma mentalidade civilizada, é uma mentalidade de James, sobre um nivel científico realmente. Entretanto, é uma mentalidade de ca soberba tremenda. O eu, embora se libere e se elimine pelo reconhecimento de Deus está mais morto de que nunca. Isso não é eliminado pelo reconhecimento da individual psicologica como fonte de movimento. Muito pelo contrario, a religião se transforma, ela também, em movimento. É principalmente no século XVIII que começa a libertação de Dilthey e de outros. É principalmente século XVIII. Também é religião abstrahido de religioesidade.

Deixo de ser a liberdade que sejam reveladas as fontes e se afirma de Dilthey. Regito, entretanto, que o eu, na historia está no futuro, (para falar anti-historicamente) a coisa. No este campo se encontra em consideração nos conceitos sobre religião.